

APRESENTAÇÃO

*Maria Betânia Ávila**

A produção de um livro como este é uma espécie de reconstrução da experiência de trabalho vivida sob várias formas. Também é o registro do que poderíamos chamar de as invenções das mulheres para intervir no mundo, para produzir saber e formas próprias de pensar e cuidar da saúde.

A importância desta publicação está evidentemente associada à importância que tem o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde para a história do movimento de mulheres no Brasil, dentro do contexto de democratização e construção de cidadania que se situa nas últimas duas décadas.

No dia-a-dia de nossas articulações políticas e parcerias de trabalho, o chamamos apenas de Coletivo. E é assim que vou chamá-lo neste texto a partir de agora. Acho mesmo muito apropriado este nome. Em primeiro lugar, porque ele nos oferece um sentimento de aconchego. O Coletivo é assim: um espaço aberto para o mundo, mas em cujo interior movimentam-se mulheres em torno de um trabalho que visa transformar a realidade. Ao mesmo tempo, já como parte dessa transformação, encontram o tempo e a delicadeza para receber e cuidar de outras mulheres que chegam em busca de um outro jeito de lidar com sua saúde.

Nesse processo de troca, as integrantes do Coletivo aprendem, ensinam e seguem produzindo novos saberes, que depois vão se espalhando pelo mundo. O que o Coletivo nos oferece neste livro deve ser tomado como um legado das mulheres para a vida social. É uma literatura sobre a criatividade, que fluiu de um projeto de mulheres com autonomia.

Um livro como este nos traz algo muito especial, que é a história de como se constroem as organizações feministas de trabalho. Isto significa conhecer de maneira mais profunda um processo de institucionalização no campo do feminismo. Ora, essa é uma contribuição crucial, porque a existência do Coletivo é em si uma ação transformadora da sociedade. O seu nome é signo de uma nova época, porque sua existência é resultado de transformações políticas que as mulheres realizaram a partir do feminismo.

Os temas tratados neste livro compõem um quadro de referência fundamental para o tratamento das questões relativas à saúde da mulher no campo dos Direitos Reprodutivos e Direitos Sexuais. Mas este livro inova no sentido de acrescentar novos enfoques e novas temáticas a uma pauta que já se tornou clássica.

Práticas educativas, por exemplo, é um tema que realmente precisa de mais visibilidade e elaboração, pois a sua importância na área da saúde ainda não ganhou o espaço que merece. Ou, dito de outra maneira, ganhou espaço mas não da forma que merecia. Uma elaboração vinda do Coletivo é uma contribuição para avançar no sentido de valorizar essas práticas, tornando-as mais necessárias e mais referenciadas em experiências que se desenvolveram a partir das próprias mulheres.

As questões relativas à contracepção — tema básico na luta por direitos no campo da vida reprodutiva e sexual — necessitam de abordagens repensadas a partir de um contexto social e político profundamente transformado. Mudanças boas e perversas aconteceram nestas últimas décadas. As conquistas legais, a definição de políticas, a liberação dos discursos e das práticas sexuais podem contar no lado das boas mudanças. O lugar que as mulheres ocupam no mundo hoje altera a vivência da anticoncepção. Mas as DSTs e AIDS, as políticas de saúde que não se tornam reais no cotidiano das mulheres, a falta de diferentes métodos para os homens, a banalização da vida sexual como objeto de consumo, são tanto mudanças ruins como males que permanecem. O enfrentamento dessas problemáticas no contexto das práticas contraceptivas carece, portanto, de um debate renovado.

Este livro também nos traz uma reflexão sobre o aborto. Nessa área, tivemos avanços no campo social com a implantação dos serviços para os casos de aborto legal: risco de vida para as mulheres e gravidez resultante de estupro. Essa conquista está ligada, de maneira muito especial, à história de trabalho do Coletivo. No entanto, o movimento feminista tem um grande desafio ainda a realizar: a descriminalização desta prática.

Esse é um objetivo que, em primeiro lugar, visa garantir um direito de cidadania às mulheres, mas é também um desafio para o processo de democratização da sociedade brasileira. E assim deve ser tomado como uma questão geral das organizações políticas e de outros setores que compõem a sociedade civil brasileira.

Alimentar esse debate, trazendo novas luzes para ele, deve ser uma tarefa permanente do feminismo.

Falar da maternidade como lugar de prazer e de desejo e colocá-la no campo da responsabilidade social, isto é, como algo que tem de ser socialmente garantido, é, sem dúvida, uma maneira de repensar o mundo.

Recuperar a história da luta por este ideal é um discurso que indica novos caminhos e ao mesmo tempo restaura a esperança da transformação social. Na sociedade em que vivemos a maternidade é tão idealizada quanto relegada. Para muitas mulheres é uma experiência solitária e dolorosa. O feminismo trouxe consigo a crítica à maternidade como único lugar de realização das mulheres, e ao fazer isso abriu os caminhos para sua transformação e a inclusão no campo da cidadania. Essa é uma luta que ainda tem muito caminho a percorrer. Portanto, ler a sua história é uma forma de realimentar o seu sentido.

Este livro nos leva também às questões da violência de gênero como um problema de saúde. Este é um terreno que precisa de muito investimento e sobre o qual o Coletivo tem se debruçado, tanto no sentido de fomentar a ação política quanto de produzir novas formas de pensar e tratar a questão. Faz pouco tempo que essa violência foi desnaturalizada, colocada como um problema social. O seu desvelamento impõe urgências e necessidades para a assistência à saúde que não estavam configuradas como temas dessa área, e coloca em primeiro lugar as tremendas conseqüências desta violência sobre a saúde física e mental das mulheres.

Saúde integral versus saúde reprodutiva e sexual é um tema que não poderia faltar neste livro. Para esta questão, o Coletivo tem trazido uma grande contribuição no debate público em torno da assistência integral à saúde da mulher. É preciso realimentar a reflexão por duas razões: primeira, são passados dezessete anos do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, formulado pelo Ministério da Saúde que se inspirou nas questões do feminismo. O debate em torno da saúde reprodutiva e de sua centralidade teve alcance internacional nas conferências da ONU sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1994) e da Mulher (Pequim, 1995). Segunda razão, o debate torna-se ainda mais necessário em função dos desvios que aconteceram nesta trajetória e visaram justamente restringir os significados de todos os conceitos que reconfiguram e ampliam o sentido da cidadania. Por isso, temos aqui um texto para nos inspirar a retomada deste debate.

Esse livro, tão bom quanto necessário, é mais uma obra do Coletivo. Fruto de uma trajetória em que as práticas educativas, as ações políticas e a produção do conhecimento formam uma combinação permanente no cotidiano do trabalho.